

Sobre a exposição metafísica dos conceitos de espaço e tempo

[On the metaphysical exposition of the concepts of space and time]

Edgard José Jorge Filho*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Na *Estética Transcendental*¹, Kant estabelece que o espaço e o tempo são formas da sensibilidade e intuições puras. O presente estudo formula algumas considerações e questões sobre a exposição metafísica dos conceitos do espaço e do tempo e sobre o procedimento adotado na *Estética* para alcançar aqueles resultados. Não se trata de examinar ponto a ponto a argumentação kantiana, mas de levantar e discutir certos problemas por ela suscitados.

Para estabelecer que o espaço e o tempo são formas da sensibilidade e intuições puras, Kant realiza a exposição metafísica do conceito de espaço e, mais adiante, a do conceito de tempo. Kant esclarece o que entende por exposição metafísica: “Entendo, porém, por exposição (expositio) a representação clara (embora não pormenorizada) do que pertence a um conceito; a exposição é metafísica quando contém o que exhibe (darstellt) o conceito enquanto dado a priori” (A 23/ B 38). Sobre essa exposição serão formuladas algumas considerações e questões.

A primeira delas diz respeito à própria concepção de exposição metafísica. Cabe a esta representar de maneira clara o conceito enquanto dado a priori. Mas, a conclusão da exposição metafísica do conceito de espaço, enunciada no final do item 4 do parágrafo 2 é esta: “Portanto, a representação originária do espaço é intuição a priori e não conceito” (B 40). Ora, se a exposição é a representação clara do que pertence a um conceito, então ela tem de conter a nota característica comum de todo conceito, a de ser conceito. Como, então, poderia a exposição metafísica do conceito de espaço negar que este seja um conceito e concluir que sua representação originária seja uma intuição a priori? Haveria aqui uma inconsistência? Talvez o conceito de “representação originária” forneça a

* Email: edgard@puc-rio.br

¹ A *Crítica da razão pura* é citada segundo as edições A/B.

chave para o esclarecimento da questão.² Poder-se-ia supor que a exposição metafísica do conceito de espaço leva a admitir que este conceito pressupõe e tem como condição uma intuição pura, esta sim uma representação originária; o conceito de espaço seria uma representação derivada ou condicionada pela intuição pura do espaço. Neste caso, não seria preciso admitir que tal exposição sustente que o conceito de espaço não é um conceito.

Cabe examinar agora alguns pontos da exposição metafísica dos conceitos de espaço e de tempo. Ela se encontra nos itens 3 e 4 do parágrafo 2 (exposição metafísica do conceito de espaço) e nos itens 4 e 5 do parágrafo 4 (exposição metafísica do conceito de tempo) da Estética Transcendental. Os argumentos concernentes ao espaço e os concernentes ao tempo são essencialmente os mesmos, de modo que se podem analisar e examinar conjuntamente; considerações sobre o espaço aplicam-se também ao tempo. No item 2 do parágrafo 3, afirma-se:

O espaço não é um conceito discursivo [...], mas uma intuição pura. Porque, em primeiro lugar, só podemos ter a representação de um espaço único e, quando falamos de muitos (vielen) espaços, referimo-nos a partes de um só e mesmo espaço. Estas partes não podem anteceder esse espaço único, que tudo abrange, como se fossem seus elementos constituintes (Bestandteile) (que permitissem a sua composição); pelo contrário, só podem ser pensadas (gedacht) nele. É essencialmente uno; a diversidade que nele se encontra e, por conseguinte, também o conceito universal de espaço em geral, assenta meramente em limitações (Einschränkungen). (A 29/ B 39)

Tem-se a representação do espaço como um espaço único, essencialmente único. O conceito universal de espaço em geral representa o que é comum a múltiplos espaços particulares e, portanto, tem de ser precedido por estes, para que deles se possa, por comparação, reflexão e abstração, extrair as notas características comuns que constituirão aquele conceito. Há, porém, a representação singular do espaço único, que não depende da representação de um múltiplo antecedente nem resulta da composição das partes desse múltiplo. A

² Segundo Kemp Smith, “the use of the term *Begriff* in the title of the section is an instance of the looseness with which Kant employs his terms. It is here synonymous with the term representation (Vorstellung), which covers intuitions as well as general or discursive concepts. Consequently the contradiction is only verbal, not real when Kant proceeds to prove that the concept of space is an intuition, not a concept” (Kemp Smith, 1984, p. 99). A primeira afirmação de Kemp Smith não parece convincente. A interpretação de Paton é, com relação a essa questão, mais esclarecedora: “Kant has, however, said that our ideas of space and time are intuitions. Is not this a flat contradiction? [...] He is only asserting that our concepts of spatiality and temporality are logically derivative, and that our pure intuitions of space and time are ‘original’” (Paton, 1970, vol. 1, p. 122).

representação do espaço único não é nem precisa ser antecedida pelas representações de uma pluralidade de espaços particulares; antes, estas é que têm de ser antecedidas por aquela e resultam de limitações daquela. Como o conceito universal de espaço tem de ser antecedido por essa pluralidade de espaços, ele também assenta em limitações da representação do espaço único. Esta, por conseguinte, não poderia ser um conceito discursivo. Ela teria de ser, portanto, uma intuição pura.

O quê a intuição do espaço único contém? Contém apenas ela mesma ou também a multiplicidade que resulta de sua limitação? A resposta não é simples. Por um lado, Kant se refere à “multiplicidade que nela se encontra”, dando a entender que tal multiplicidade está contida nela. Por outro lado, ele afirma que essa multiplicidade “assenta meramente em limitações” e que os elementos desse múltiplo (partes do espaço) “só podem ser pensados (gedacht) nele [(no espaço único)]” (A 25/ B 39). Ora, “limitação”, sobre a qual assenta a multiplicidade de partes do espaço, é um conceito puro do entendimento; ademais, se as partes são “pensadas (gedacht)” no espaço único, elas o são pelo entendimento, não pela sensibilidade, que apenas intui. Isso não quer dizer que essas partes sejam representações tão-somente do entendimento, pois este, para realizar sua atividade sintética, tem de reunir e levar à unidade um múltiplo que não é dado por ele mesmo, mas sim recebido pela sensibilidade. Se a representação do espaço único é uma intuição pura, ela tem como fonte exclusiva a sensibilidade; se os múltiplos espaços são representações pensadas no espaço único como suas limitações, então elas têm como fonte não somente a sensibilidade, mas também o entendimento. Devido à diferença de suas fontes, a intuição pura do espaço único e as representações de múltiplos espaços limitados seriam representações parcialmente heterogêneas. Como admitir, então, que uma representação exclusiva da sensibilidade (intuição pura) possa conter nela mesma representações que provêm também do entendimento (limitações do espaço)? Parece mais coerente admitir que a intuição pura do espaço único é uma representação singular que contém apenas ela mesma, embora contenha, de certo modo, um múltiplo (puro) não sintetizado, mas que possa ser sintetizado pelo entendimento. Mas, como poderia uma representação estritamente singular conter em si a representação de um múltiplo? Seja como for, ela e suas partes, ou limitações, seriam parcialmente heterogêneas. Contudo, as partes seriam homogêneas: haveria homogeneidade de espaços limitados maiores e menores.

Ao tratar do tempo, porém, Kant não parece tão cuidadoso ao considerar a relação entre o tempo único e suas partes, pois afirma:

“Tempos diferentes são unicamente partes de um mesmo tempo” (A 32/ B 47). Aqui não há o cuidado com pontuar que tempos diferentes são “pensados (gedacht)” como partes de um mesmo tempo. Esta passagem sugere que as partes do tempo são simplesmente intuídas, como o tempo único o é, e estão contidas neste. Em outros termos, ela sugere que a representação do tempo único e as representações dos múltiplos tempos (partes do tempo único) são homogêneas. Mas, de acordo com o que já se observou a respeito do espaço, também as partes do tempo seriam, talvez, limitações pensadas pelo entendimento, de modo que as representações dos múltiplos tempos teriam sua fonte também no entendimento, diferentemente da intuição pura do tempo único, cuja única origem é a sensibilidade. Assim como no caso do espaço, também a representação do tempo único e as representações de suas múltiplas limitações seriam, ao menos parcialmente, heterogêneas. Homogêneas seriam apenas as representações das partes do tempo. Isso ficará ainda mais claro quando se considerarem as limitações do espaço e do tempo como grandezas extensivas, o que será feito mais adiante. Antes, porém, considere-se o argumento do espaço e do tempo como grandezas infinitas dadas.

No item 4 do parágrafo 2 (sobre o espaço) e no item 5 do parágrafo 4 (sobre o tempo), argumenta-se que o espaço e o tempo são grandezas infinitas dadas e, por isso, não são conceitos, mas sim intuições. No item 4 do parágrafo 2 lê-se:

O espaço é representado como uma grandeza infinita dada. Ora, não há dúvida de que pensamos necessariamente qualquer conceito como uma representação contida numa multidão infinita de representações possíveis diferentes (como sua característica comum), por conseguinte contendo-as sob si (unter sich enthält); porém, nenhum conceito, enquanto tal, pode ser pensado (gedacht) como se encerrasse em si (in sich) uma infinidade de representações. Todavia, é assim que o espaço é pensado (gedacht) (pois todas as partes do espaço existem simultaneamente no espaço infinito). Portanto, a representação originária (ursprüngliche) do espaço é intuição a priori e não conceito. (A 25/ B 39-40)

Enquanto que todo conceito é uma representação contida em uma infinidade de representações possíveis diferentes, contendo-as, por sua vez, sob si (subsumindo-as sob si), mas nunca em si (in sich), a representação originária do espaço possui propriedades diferentes. Esta representação do espaço não contém sob si uma infinidade de representações possíveis diferentes, mas as contém em si. Pois, “todas as partes do espaço existem simultaneamente no espaço infinito”. Aqui há uma forte sugestão de que o espaço contém em si (não sob si) uma infinidade de partes e, nesta medida, é uma grandeza infinita dada, não

podendo, portanto, ser um conceito; logo, o espaço seria uma intuição pura. Mas, há um detalhe importante: o espaço não é propriamente intuído como contendo em si uma infinidade de representações, mas é, isto sim, “pensado (gedacht)” como contendo em si tal infinidade.³ O mesmo detalhe não se apresenta, porém, no que diz respeito ao tempo: Kant não afirma expressamente que o tempo é “pensado” como contendo em si uma infinidade de representações; ele simplesmente afirma que o tempo contém em si tal infinidade.

Tem-se aqui um problema: enquanto que a intuição pura do espaço único e infinito é uma representação apenas da sensibilidade, as representações das infinitas partes do espaço são “pensadas” como limitações do espaço único, conforme visto no item 3, portanto, dependem também do entendimento. A representação do espaço infinito e as representações de suas infinitas partes seriam, portanto, parcialmente heterogêneas. Como poderia, então, o espaço infinito conter em si uma infinidade de partes? Parece mais coerente admitir que a intuição pura do espaço único e infinito contém em si apenas ela mesma, embora contenha, de certo modo, um múltiplo (puro) não sintetizado, mas que possa ser sintetizado pelo entendimento. O problema fica mais explícito quando se consideram os espaços e tempos finitos como grandezas extensivas.

Considere-se, então, a questão dos espaços e tempos finitos como grandezas extensivas. Kant assim define grandeza: “a consciência do múltiplo homogêneo na intuição em geral, na medida em que só assim é possível a representação de um objeto, é o conceito de uma grandeza (Grösse) (de um quantum)” (A 162/ B 203). E esta é a definição de grandeza extensiva:

Chamo grandeza extensiva aquela em que a representação das partes torna possível a representação do todo (des Ganzen) (e, portanto, necessariamente a precede). Não posso ter a representação de uma linha, por pequena que seja, se não a traçar em pensamento (Gedanke), ou seja, sem produzir as suas partes, sucessivamente, a partir de um ponto e desse modo retrair essa intuição. O mesmo se passa com todo tempo, mesmo o menor. Nele penso apenas a progressão sucessiva de um instante para outro, o que origina, por fim, somadas todas as partes do tempo (Zeitteile), determinada grandeza do tempo.” (A 162-3/ B 203)

De acordo com a definição de grandeza extensiva e considerando o item 3 do parágrafo 2 e os itens 4 e 5 do parágrafo 4, pode-se reconhecer que as intuições puras do espaço e do tempo não são grandezas extensivas. Pois, elas são representações de um espaço único e

³ Esse detalhe não passa despercebido a Paton (1970, vol. 1, p. 123).

de um tempo único, que não são tornadas possíveis pelas representações antecedentes de suas partes.⁴ Antes, são as representações do espaço único e do tempo único que possibilitam as representações de suas partes, enquanto estas são limitações daquelas intuições puras. Contrariamente, as representações das partes do espaço e do tempo são grandezas extensivas. Pois, somente pela soma ou composição de partes menores (no limite, o ponto e o instante) é possível produzir sinteticamente partes maiores, sendo todas elas homogêneas. Em outras palavras, é a síntese sucessiva das partes homogêneas, operada pela imaginação produtiva e levada à unidade pelo entendimento, que determina o espaço e o tempo em geral (cf. A 162-3/ B 202-4).

Poder-se-ia objetar que as partes do espaço, representadas por limitações da intuição pura do espaço único, não seriam grandezas extensivas, pois aqui o todo antecede as partes e não resulta da composição destas, ao passo que as partes do espaço enquanto grandezas extensivas são antecidas por partes menores, das quais se compõem. Mas, aquelas limitações do espaço único seriam representadas somente pela sensibilidade ou dependeriam também de uma participação do entendimento? Se a única forma e intuição pura do sentido externo for a do espaço único e infinito, então as representações de limitações do espaço não poderiam ser ou não poderiam ser somente intuições. Com efeito, “a representação que só pode dar-se através de um único objeto é, porém, intuição” (A 32 / B 47). É este o caso do espaço, pois “[...] só se pode representar um único espaço” (A 25/ B 39). Assim, as representações de limitações do espaço dependeriam também do entendimento e de sua atividade sintética e consistiriam em grandezas extensivas.

Poder-se-ia ainda objetar que o espaço (o mesmo valendo para o tempo), enquanto intuição pura, é caracterizado como “uma grandeza infinita dada”; nesta medida, é uma grandeza e, como tal, teria de consistir na representação de um múltiplo homogêneo e não apenas de um todo único, portanto, teria de conter em si esse múltiplo. Ora, segundo Kant, “o conceito de uma grandeza (quantum) [é] a consciência do múltiplo homogêneo na intuição em geral”. A rigor, ele não afirma que essa consciência do múltiplo homogêneo seja uma intuição, antes,

⁴ Embora o princípio dos “Axiomas da Intuição”, na edição B – “Todas as intuições são grandezas extensivas” (B 202) – sugira que as intuições puras do espaço e do tempo também o sejam, parece que a fórmula desse princípio na edição A não dá a mesma sugestão, pois seu enunciado é: “Todos os fenômenos, do ponto de vista de sua intuição, são grandezas extensivas”. (A 162). Ora, os fenômenos são grandezas finitas, limitadas, enquanto que o espaço e o tempo são ditos grandezas infinitas.

considera tal consciência como um conceito. Ademais, o múltiplo homogêneo de que se tem consciência é o da intuição em geral, não o de uma intuição particular, como a humana (segundo o espaço e o tempo), portanto, a consciência desse múltiplo parece ser a de uma representação comum; nesta medida, tal consciência seria mesmo a de um conceito. Mas, haveria somente um conceito de grandeza, ou haveria também uma intuição de grandeza? Esta questão se impõe porque Kant afirma que o espaço e o tempo são “grandezas infinitas dadas” e, devido a isso, são intuições puras. Ora, se há uma representação comum do múltiplo homogêneo, teria de haver representações particulares de múltiplos homogêneos particulares (como, supostamente, os do espaço e do tempo). Mas, isso não significa que essas representações sejam intuições, pois representar um múltiplo homogêneo particular parece depender da comparação e ligação dos elementos desse múltiplo, o que só é possível mediante uma atividade sintética, própria do entendimento. Assim, parece não haver propriamente uma intuição (cuja única fonte é a sensibilidade) de grandeza. Permanece problemática a caracterização do espaço e do tempo como “grandezas infinitas dadas”.⁵

Cabem duas observações. Primeira, enquanto que as partes do espaço, ou os espaços finitos, são homogêneos e grandezas extensivas, o espaço único não é uma grandeza extensiva, portanto, este e aqueles são, neste aspecto, heterogêneos. O mesmo se pode dizer do tempo único e dos tempos limitados. Segunda, as partes do espaço e do tempo, enquanto limitações, são produzidas por uma síntese operada pela imaginação produtiva e levada à unidade pelo entendimento, por conseguinte, essas representações dependem e provêm não só da sensibilidade mas também do entendimento, enquanto que as intuições puras do espaço único e infinito e do tempo único e infinito têm sua origem tão-somente na sensibilidade. Portanto, estas intuições e aquelas representações de partes do espaço e do tempo são, também neste aspecto, heterogêneas.

Finalmente, coloca-se a questão da adesão consequente de Kant ao procedimento proposto para a Estética Transcendental:

Na estética transcendental, por conseguinte, isolaremos primeiramente a sensibilidade, abstraindo de tudo o que o entendimento pensa com os seus conceitos, para que apenas reste a intuição empírica. Em segundo lugar,

⁵ Encontra-se em Allison (1983, p. 94-98) uma proposta interessante de solução dessa questão do espaço e do tempo como grandezas infinitas dadas, com base na distinção entre a intuição pura enquanto ‘forma da intuição’ e ela enquanto ‘intuição formal’. Formulando de outra maneira, trata-se da distinção entre a intuição pura enquanto ‘forma da intuição’ e ela enquanto ‘objeto intuído a priori’ (que contém a unidade de um múltiplo homogêneo ilimitado).

apartaremos ainda desta intuição tudo o que pertence à sensação para restar somente a intuição pura e a simples forma dos fenômenos, que é a única que a sensibilidade a priori pode fornecer. Nesta investigação se apurará que há duas formas puras da intuição sensível, como princípios do conhecimento a priori, a saber, o espaço e o tempo, de cujo exame nos vamos agora ocupar. (A 22 / B 36)

Deve-se, portanto, em primeiro lugar, isolar a sensibilidade como uma faculdade particular, cujas representações próprias independem totalmente da atividade do entendimento, isto é, do seu pensamento mediante conceitos. Abstraindo-se de todo aporte do entendimento, restaria a intuição empírica. Se desta se apartar toda a matéria, permanecerá a simples forma da intuição, ela própria uma intuição não empírica, mas sim pura.

Cabe examinar se a argumentação kantiana se mantém fiel ao procedimento proposto. É justamente para cumprir tal procedimento que Kant realiza as exposições metafísica e transcendental dos conceitos de espaço e de tempo. Ora, quando Kant afirma que o espaço (o mesmo vale para o tempo), enquanto intuição pura, contém em si (não sob si) suas partes e que estas são pensadas como limitações do espaço único, então implicitamente afirma que o espaço contém em si um múltiplo pensado segundo o conceito de limitação, que é um conceito puro do entendimento (Limitation, Einschränkung).⁶ Em outros termos, ele afirma implicitamente que a representação do espaço único (o mesmo vale para o tempo), enquanto intuição pura, contém em si uma infinidade de representações homogêneas, enquanto grandezas extensivas, produtos de sínteses operadas pela imaginação produtiva e levadas à unidade pelo entendimento. Afirma, portanto, que a intuição pura, representação originada somente na sensibilidade, contém em si representações dependentes da atividade sintética, própria do entendimento. Mas, se, por suas distintas origens e conteúdos, a intuição pura e as grandezas extensivas (composições sintéticas do homogêneo) são heterogêneas, como poderia aquela conter em si estas? Assim, afirmar, como Kant o faz, que a intuição pura do espaço contém em si as representações de espaços limitados, parece estar em desacordo com o procedimento que

⁶ Cf. A 80/ B 106; B 111. A ilustração da execução do procedimento proposto por Kant encontra-se na seguinte passagem: “Assim, quando separo da representação de um corpo o que o entendimento pensa dele, como seja substância, força, divisibilidade, etc., e igualmente o que pertence à sensação, como seja impenetrabilidade, dureza, cor, etc., algo me resta ainda dessa intuição empírica: a extensão e a figura. Estas pertencem à intuição pura [...] como simples forma da sensibilidade” (A 20-1/ B 35). Ora, se devo fazer abstração dos conceitos puros pensados pelo entendimento, como o de substância, por que isso não valeria também para o conceito puro de limitação (Limitation, Einschränkung)? Como admitir que as limitações (Einschränkungen) do espaço possam estar contidas na intuição pura do espaço, forma da sensibilidade?

ele mesmo propõe para a Estética Transcendental. Pois, isso implicaria em afirmar implicitamente que o proveniente só da sensibilidade (a intuição pura do espaço único) contém em si o proveniente também da imaginação produtiva e do entendimento (a unidade da síntese sucessiva de partes homogêneas). Haveria, ao que parece, um desacordo com o procedimento proposto de isolar a sensibilidade, fazendo abstração de tudo que provém do entendimento. A mesma conclusão se pode extrair do exame do procedimento kantiano concernente ao tempo.

Referências

- ALLISON, Henry E. *Kant's transcendental idealism: an interpretation and defense*. New Haven: Yale University Press, 1983.
- PATON, H. J. *Kant's metaphysic of experience*. London: George Allen and Unwin, 1970.
- SMITH, Norman Kemp. *A commentary to Kant's Critique of Pure Reason*. 3rd ed. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press International, 1984.

Resumo: Na Estética Transcendental, Kant conclui que o espaço e o tempo são formas da sensibilidade e intuições puras. Neste trabalho examina-se a exposição metafísica dos conceitos de espaço e tempo, relacionando-a com a concepção de grandezas extensivas, da Analítica Transcendental. Em seguida examina-se o procedimento adotado na Estética Transcendental para a obtenção daqueles resultados. Não se pretende considerar toda a argumentação kantiana, mas apenas alguns de seus pontos, levantando questões sobre estes. Parece que a afirmação de Kant de que a intuição pura do espaço contém em si as representações de espaços limitados é problemática e discorda do procedimento que ele se propõe seguir na Estética Transcendental. Parece que esta mesma conclusão é válida no que diz respeito ao tempo.

Palavras-chave: Kant, espaço, tempo, exposição metafísica, intuições puras, grandezas extensivas

Abstract: In the Transcendental Aesthetic, Kant concludes that space and time are forms of sensibility and pure intuitions. In this work we examine the metaphysical exposition of the concepts of space and time, relating it with the conception of extensive magnitudes, of the Transcendental Analytic, and also the procedure adopted in the Transcendental Aesthetic in order to obtain those

Sobre a exposição metafísica...

results. We do not intend to consider the whole Kantian argument, but only some of its points, raising questions about these. It seems that Kant's assertion that the pure intuition of space contains in itself the representations of limited spaces is problematic and disagrees with the procedure that he proposes to follow in the Transcendental Aesthetic. It seems that the same conclusion is valid regarding time.

Keywords: Kant, space, time, metaphysical exposition, pure intuitions, extensive magnitudes

Recebido em 06/03/2015; aprovado em 28/05/2015.